

Será desta vez?

Continuação da 1.ª página

Será contra as leis de Deus e terá razão de ser em certos casos. Mas isto que tem feito ultimamente, esta canalha no Congo brada aos céus e só não pode fazer revoltar aqueles que são da mesma laia.

Temos que reconhecer que desta vez, a Bélgica veio à liça e assim mandou até lá, em defesa dos seus e de outros povos, certo número de paraquedistas. Claro que não quis tomar tal atitude sem dar este facto a conhecer aos americanos e ingleses.

Também, e com isso é que se não concorda, informou o sr. Uthant, o governo belga, que poderia S. Ex.ª ficar certo que o lançamento de paraquedistas belgas era apenas uma medida puramente humanitária e que os mesmos retirariam logo que terminassem as operações naquela cidade e fossem salvos os europeus que aqueles vis mantinham como reféns. Parece que é gastar cera com ruim defunto, tal informação. Parece que devia ser aquele Secretário-Geral quem devia pedir e obstar que tais atrocidades se fizessem neste século da luz. Mas não, tal senhor deixa correr o marfim e só dá ouvidos a afirmações que sejam feitas contra países que desde há muito vêm dando luzes ao Mundo.

Desta vez foram os portugueses, que mesmo no cativeiro, prestaram auxílio aos seus irmãos belgas, americanos e outros. Uns iam até em busca de alimentos para que aqueles seus irmãos não morressem de fome. Não vale a pena estar a historiar os factos que estão agora a ser publicados na Imprensa e a quem se referem as rádios, mas veja o leitor uma foto publicada no jornal «O Século do dia 25 e olhe bem naquele congolês, a forma de vestir é também a sua imagem! Falar das crianças mortas, das mulheres violadas e mortas depois e demais atrocidades, não vale a pena. Valerá a pena, sim, chamar a atenção do Mundo para tais atrocidades e dizer bem alto ao Mundo Ocidental que amanhã será tarde. É necessário atacar-se já o mal estando ele onde estiver e venha de onde vier. Não esquecer que embora eles falem nas independências o que eles querem é acabar com a raça branca. Sabem bem que não podem passar sem o europeu, mas no entanto, e por rancor e inveja, sempre que podem eliminam-no do número dos vivos. E o que tem mais graça, não tendo alguma, é que o europeu vai-se deixando levar no tanto do cisne. Já sabemos também que os países da cortina se mostraram sentidos com o que fizeram agora os belgas. São muito humanistas estes senhores, mas não lhes doi pelas atrocidades que aqueles reles agora cometeram no Congo.

Bem haja pois os paraquedistas belgas e os portugueses residentes no Congo que ajudaram a combater a cáfila, opondo-se a mais crimes. Que não se deixem com vida aqueles incivis e que o Mundo se deixe de meios termos, pois para grandes males grandes remédios, são os nossos desejos.

É preciso acordar a consciência do Mundo civilizado. É necessário que toda a Imprensa e a Rádio chamem a atenção do Mundo contra este estado de coisas que tem de terminar para bem do Homem branco e para que possa continuar a ser educado e tornado civil e, como tal, competente o Homem de cor negra.

Este número foi visado pela
Delegação de Censura

O problema habitacional
DOS AÇORES

Continuação da 1.ª página

logo no dia 2, o Prof. Gonçalves de Proença inaugurou em Angra do Heroísmo o bairro das Caixas de Previdência constituído por uma série de 24 moradias, com rendas que oscilam entre 550\$00 e 600\$00. O investimento global cifrou-se em 3300 contos.

Das afirmações então expendidas pelo vice-presidente da Federação das Caixas de Previdência, Habitações Económicas, logo se depreende o alcance da obra em curso, quando afirma: «Concretamente, no caso de Angra do Heroísmo, todos sabem que o Ministro das Corporações se dignou já autorizar a construção de 160 habitações para trabalhadores de mais modestos recursos, competindo agora à Câmara Municipal e à Federação envidar todos os esforços para que esta ingente necessidade seja satisfeita quanto antes».

Aquela inauguração ficava assim, a marcar para os Açores uma data histórica, pois depois daquelas 24 moradias o número de empreendimentos situa-se numa ordem de grandeza bem significativa com vista a debelar a crise habitacional do Arquipélago para agregados familiares de certo nível com rendas acessíveis.

Em S. Jorge, nas outras ilhas visitadas, o Ministro inaugurou ou garantiu a concretização de bairros sociais, acessíveis e higiénicos dentro daquela orientação carinhosa que consagra à resolução deste problema e mais aqui que em qualquer outro lado, pois nos Açores há famílias em abundância que ainda vegetam em habitações sem higiene, onde impera a promiscuidade e onde não existe o mínimo de condições de habitabilidade, sem que se possa assacar aos fenómenos da excessiva concentração urbana decorrentes do exódo rural qualquer responsabilidade.

Ao anunciar a construção na Terceira, da grande fase do conjunto de 160 habitações de renda económica o Ministro inaugurou, pois, o período do ataque frontal do problema da habitação nos Açores.

Luís S. Peres

Continuação da 1.ª página

vor às causas justas e aos homens que nelas colaboravam. O jornalismo era toda a sua paixão e muito embora os seus voos não pudessem ser longos, escrevia o melhor que podia para assinalar uma data ou focar problemas de interesse político ou social.

Lançamos nas nossas colunas um apelo para a compra de uma lousa para cobrir a campa de Luís Peres, no cemitério de Almada e que nela ficasse assinalado o seu nome. Poucos foram os que responderam e assim a verba alcançada cremos que não chegará para aquilo que se pretendia. Ingratidão, talvez!

Que sirva ao menos para a compra de uma lápide que um grupo de amigos fará erigir à sua memória no cemitério.

Vamos dar por terminada a nossa missão e agradecemos a quantos colaboraram nesta lembrança póstuma à memória do tavricense falecido.

Como diz Mantegazza, neste mundo é sempre gigante quem olha para baixo, é sempre anão quem olha para cima.

Arrematação de Estrume

Aceitam-se propostas, em carta fechada, no Quartel da Guarda Nacional Republicana de Tavira, até ao dia 15 de Janeiro do próximo ano, de quem desejar arrematar o estrume produzido pelos solípedes, durante o ano de 1965.

Quartel em Tavira, 21 de Novembro de 1964.

O Comandante da Secção,
José Augusto Rebelo
Tenente

Dr. António Fernando Pires Padinha

Continuação da 1.ª página

Vitimado em plena vida, cheia de vitalidade, e quando da sua extraordinária actividade política e administrativa (pois ao tempo exercia a presidência da Câmara da sua terra) que muito dele havia a esperar!

Estava-se em pleno período de guerra (a 1.ª Grande Conflagração Europeia 1914-18), e da sua extraordinária e dinâmica acção camarária. Ele, essa excelsa figura de Tavirense, deu-nos, entre vários melhoramentos, empreendimentos de vulto, tais como: a Cadeia Civil, o Matadouro, a Central Eléctrica, o Cemitério e, esse ainda hoje existente edifício, o Teatro António Pinheiro, naquele tempo um dos melhores do País.

Ainda hoje está na memória de muitos habitantes da cidade de D. Paio, o que foi a inauguração da electricidade no burgo tavricense e a apoteose que resultou do espectáculo inaugural do, então Teatro Popular!

A curta gerência administrativa do Dr. António Padinha, resultou num período áureo para o engrandecimento e progresso da nossa Tavira.

Se a negra parca o não levasse, ainda novo e cheio de vigor, certamente a «Veneza Algarvia», seria dotada de outros melhoramentos que a valorizassem bastante.

— Tenho de ser político por Tavira — dizia-o bastantes vezes aos seus correligionários e amigos pessoais, naquele tempo; o que demonstrava a sua operosa luta por um maior nível de vida da sua terra que ele, em vida, adorou e muito lhe quiz.

A minha admiração por essa figura de tavricense, veio quando o tive à minha cabeceira no Hospital, para ser operado quando do desastre em que perdi a mão esquerda. E durante o meu internamento, dia sim, dia não, era certa a sua visita, animando-me e amimando-me com carícias que não mais esquecerei.

Depois, até que a morte o levou, acompanhei sempre a sua carreira de Presidente do nosso Município.

Nunca consentiu que a sua Tavira fosse humilhada, batendo-se por ela com ardor e desassombrado espírito combativo.

Como político, militou sempre nas hostes conservadoras do Brito Camacho, mas tinha muitos amigos pessoais no campo adverso — os Democráticos; e quando se tratava de Tavira, ei-lo, com o seu prestígio de político sério e de republicano honesto, a pedir à facção adversária — sempre no Poder — para que as aspirações dos seus municípios se concretizassem.

O Dr. António Padinha, deu sempre as maiores provas de um grande amigo de Tavira, a ninguém deve restar dúvidas.

Como preito de homenagem às suas excelsas qualidades de prestígio filho de Tavira, além de uma modesta lápide que um grupo de admiradores ali mandou colocar na casa onde faleceu, foi dado ao antigo Largo do Alagão, o seu nome, passando a designar-se: Praça Dr. António Padinha.

Para tão prestimosos serviços prestados à sua Terra, é pouco, muito pouco.

Muitas terras deste Portugal, por menos têm erigido monumentos e bustos aos seus conterrâneos, e homenagea-os pelos valiosos serviços prestados à terra que lhes foi berço.

Tavira, não é muito rica em monumentos desta natureza, e um busto à memória de tão incluído cidadão, seu dilecto filho e que tão galharda e dignamente se bateu por uma cidade maior e progressiva

tem, incontestavelmente direito a uma pública homenagem, e ela patrocinada pela Câmara Municipal, que ele tanto honrou e prestigiou.

Tavira, no espaço de 47 anos ainda não saldou essa dívida de gratidão pelo homem que, no espaço de um século, deu a primeira grande arrancada para a valorização de tão lindo rincão português, porque a segunda deu-a, agora, o Dr. Jorge Correia.

Constitua-se já, uma Comissão, tendo à sua frente o Município, onde, nela devem fazer parte representantes do povo, das autoridades e autarquias locais e, de todo o Concelho.

Ainda é tempo, para colocar na Praça que lhe dá o nome, o busto do Dr. António Padinha, embora esculpido em singela pedra!

Que se abra uma Subscrição Concelhia — era o seu Concelho a contribuir para que ficasse a perpetuar aos vindouros, essas futuras gerações, o nome dum grande Tavirense!

N. R. — Em homenagem a Luís Peres, que nesta data completa um ano de falecido, damos à estampa este artigo que ele escrevera à memória do Dr. António Padinha e se encontrava arquivado na nossa Redacção. Cumpri-mos assim, mais um dos seus desejos de tavricense amigo da sua terra. Paz à sua alma.

Teremos, acaso, consultório literário?

Não nos damos à despesa de nos supormos com autoridade em matéria de letras, entretanto, menina assenhorada ou senhora amenada, envia-nos um «poema» para dizermos, com franqueza, o que dele pensamos.

Não só com franqueza, mas com toda a franqueza, podemos registar uma opinião, em parte favorável. Em parte...

Dentro da moderna técnica poética, o seu poema, se é verdade que não fornece um autêntico testemunho literário, está isento de erros gramaticais e grosseiras manigâncias com pretensões a originalidade.

Reza assim:

PROMESSA

És o meu Sol!...

Quando por ti passo,
Bebo a largos tragos o ar que respiraste.A brisa traz-me o eco da tua voz,
As flores falam-me do encanto
Da tua presença.Quem me derá ser a tua escrava!
Mesmo que para comigo
Usasses o maior rigor,
Eu, paia contigo,
Só guardaria o amor.

Rosa Linda

Pois, como lhe fizemos sentir, D. Rosa Linda, se o seu «poema» não tem outro defeito além do da vulgaridade, observado em sentido literário.

Quanto ao resto, se desse licença (de-a, ao menos por curiosidade), muito tem que se lhe dizer:

Lá por escrever em verso, nem tudo lhe fica bem proclamar, e não ser que o mundo ande tão de pés para o ar que seja agora privilegiado feminino, as senhoras diriam galanteios aos homens.

Afirma, ao seu bem amado, que bebe o ar que ele respira. Perguntaríamos se engolirá depois semrazões nascidas da fadiga, duma excitação nervosa, duma não coincidência de gostos que tenha por obrigação suportar ao seu marido.

Dramatizava a situação, chorava diante da família, dos amigos e até talvez da vizinha (que feio!) para que se apiedassem do seu martírio, aparentemente escravizada mas pode ser que uma despotazinha bastante insuportável; e, quando o agora desejado, depois de esquecer vexames, entrasse em fase benévola (ainda que por simples pausa), a senhora saberia guardar mil exigências e rigores.

A poesia deve exprimir termos de verdade e as mulheres que sabem guardar para a vida inteira uma afeição delicada e submissa (não morda o beicinho, por quem é!) não são as que a andam a apregoar aos quatro ventos do quadrante dos seus caprichos.

Depois disso, as promessas cumpram-se e veja lá como se tira de apuros, se o Eleetto se cubia de ter escrava — seria bastante oriental — e se lembra de fazer a experiência

Assinal o «Povo Algarvio»

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Josefina Pimentel Guerreiro, D. Maria Aliete Valongo do Nascimento e os srs. Joaquim Henrique da Costa e José Rodrigues Horta.

Em 30 — Mlles Maria Fernanda Silva, Zélia da Conceição Vaz e os srs. Bebbiano António Marçal, José Joaquim Justino Zacarias, Daniel da Cunha Dias, Armando Nobre e o menino José Alberto da Costa Marques.

Em 1 — D. Maria Dulce da Encarnação Pires Coelho, D. Maria Lúcia Melo e Horta, D. Francisca Maria de Brito Guerreiro Lata, Mlle Irene da Natividade Cavaco e os sr. Marcelo Chagas Cansado, Capitão Manuel Vidal Lopes e Amadeu José Viegas.

Em 2 — D. Beatriz Cabrinha Santos Doreas, menina Maria Antónia Madeira Perdiz, menino Sérgio Bebbiano Trigo Torres e o sr. Comandante José Ollas Maldonado.

Em 3 — D. Maria dos Mártires da Fonseca Matos, D. Maria Sallote da Conceição Beleza Domingues, D. Maria Graciete Simplicio Lopes e os srs. Olímpio Francisco de Brito, Dr. Emilliano da Costa e Joaquim António Correia.

Em 4 — Meninas Maria Eduarda Lopes da Cruz, Maria Alice Mendonça do Nascimento, meninos Rui Armando da Silva de Avelaz de Basto, Rui Eurico Martins da Costa e o sr. João Bernardo Mendes Mascarenhas.

Em 5 — D. Aida Hermenegilda Lopes Ferro Oliveira, D. Rita dos Santos Pires, D. Noémia da Silva Andrade e os srs. José Oliva Diniz Padinha e António Baptista.

Doentas

Tem passado incomodado de saúde o sr. capitão Henrique Cruz, nosso prezado amigo e conterrâneo, em serviço no Ultramar Português.

Fazemos votos pelo seu rápido restabelecimento.

Livros e Revistas

Ciência e Técnica Fiscal — Referente aos n.ºs 68 e 69 de Agosto e Setembro, recebemos o Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, cujo sumário encerra alguns interessantes estudos, notas e comentários sobre assuntos técnicos e financeiros, além de jurisprudência, soluções administrativas, etc. etc.

Legislação Fiscal — Publicou-se o 2.º semestre de 1963, do Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, contendo toda a legislação publicada que interessa aos que se dedicam ao estudo das contas fiscais.

Jornal Feminino — Recebemos o n.º 163-164 desta simpática revista feminina nortenha, que se publica no Porto sob a direcção da sr.ª D. Elvira de Carvalho, uma das melhores do seu género que se editam entre nós.

Mensagem de Helen Keller — A Fundação Sain e a Reabilitação de Pessoas Cegas em Portugal — É este o título do pequeno volume que a Liga de Profilaxia Social acaba de editar inserindo conferências realizadas no Clube dos Fenianos Portugueses em 15 de Outubro de 1956 e 10 de Maio de 1963, que muito valorizam o fascículo n.º 23 desta magnífica obra social.

Medicina Natural — Recebemos o n.º 10 deste interessante e útil mensário. Inteligentemente dirigido pelo sr. Isidoro Duarte Santos.

O pequeno volume contém um valioso sumário de estudos de profilaxia e cura, tais como: «O estado conjugal, doenças dos nervos, desejo saber duas coisas, uma cura surpreendente, feira de novidades, velhice normal e velhice prematura, a boca da mulher grávida, do corpo e do espírito, a reportagem do mês, cozinha vegetariana, cromopatia, método de medicina natural, os neo-hipocráticos e conselhos terapêuticos».

Recomendamo-lo a todos os nossos leitores.

TRIPAS
Vendem-se

Secas e salgadas de todos os calibres, para todas as qualidades de enchidos, aos melhores preços, pequenas e grandes quantidades.

PREPARADORA PORTUGUESA DE TRIPAS,
Casal da Amora — Odivelas
Telf. 91 01 44.

Breve ensaio sobre as águas medicinais portuguesas, especialmente no Algarve LAGOS - Retratada

Continuação da 2.^a página

teu cajado». Num repente brotaram doze fontes e cada tribo conheceu o lugar onde devia apagar a sede.

Por empirismo, fruto de observação milenária, além de preceito higiénico, o uso dos banhos para fins rituais e terapêuticos data dos primórdios da civilização.

Ficaram célebres os balneários da velha Grécia e da antiga Roma dos Césares, e também alcançaram refulgente aura vários estabelecimentos da ocupação romana de que existem numerosos vestígios arqueológicos na Península Ibérica. No Algarve, encontra-se-lhe o rastro documental nas reliquias de Ossonoba.

Conquanto do esplendor do passado sofressem um certo declínio, devido ao espírito pagão da época haver transformado as termas em coito de carácter orgiaco — escândalo que o domínio religioso logicamente procurou impedir —, todavia mantiveram a sua estrutura salutar e conquistam novo impulso com o fausto da Renascença, chegando até nos dias em prestígio ascensional a prestar grandes serviços à Patologia Humana.

Portugal guarda uma notável tradição do culto pela água que, ligado à benemerência, vem desde os alvares da nacionalidade.

Dona Mafalda, mulher do nosso primeiro rei, fundou uma Albergaria nas Caldas de Canaveses, e sua neta, a Infanta Santa Mafalda, dotada das mesmas tendências ancestrais, manda construir, a expensas próprias, outra Albergaria junto às Caldas de Arejos.

Ao longo da história na continuidade desses rêsios predecessores da medicina social, participa mais tarde Dona Leonor de Lencastre, a excelsa Rainha que se curou na sua passagem pelas Caldas, o que a levou a instituir, em acção de graças pelos benefícios recebidos, um Hospital Termal — marcando, entre 1485/1486, o prelúdio do Termalismo Social, recentemente em difusão.

Ora a bem dizer, desde Dom Afonso Henriques, que se tratou na estância de Lafões, aos progenitores de D. Manuel II, grande parte dos nossos soberanos procuraram refrigerio nas termas, e até as repetidas estadas de Sua Majestade a Rainha Dona Amélia de Orléans em São Pedro do Sul justificaram a estação ser designada com o seu nome.

Reconhece-se que, não obstante extraordinárias inovações da ciência, a infosfável valia das nascentes, longe de perder a sua reputação clássica, antes se firma apologeticamente, impulsionada por clientela de famosas personalidades.

Na farmacologia dos componentes que condicionam o efeito das águas, além dos elementos mineralizadores, os factores físicos, num estado de fluxo contínuo, e até substâncias microscópicas vegetais, indissociadas, à luz dos modernos conceitos, são susceptíveis de intervir no mecanismo das reacções que a leveza destes apontamentos não cabe aprofundar.

Isto, não falando no concernente às condições privilegia-

das do ambiente bioclimático, interferindo no aspecto físico-psicológico.

Se as crianças encontram ali um óptimo medicamento não menos útil se manifesta na maturidade. Mesmo doentes cardíacos, a quem antigamente estava interdita a cura de águas, encontram hoje, nos banhos carbogásos, iodados e outros, atenuante ao sofrimento hipertensivo.

Possui o nosso País profusa diversidade de águas medicinais, enquadradas numa bela paisagem, com particular amenidade de clima, pelo que, embora de relance, por se tratar de trabalho circunstancial, apraz desfiar os seus principais tipos de composição.

Assim, principiemos pelas águas bicarbonatadas, mananciais de preferência indicados nas enfermidades da nutrição e digestivas — contendo grande percentagem de bicarbonatos com ou sem excesso de anidrido carbónico. Dividem-se em bicarbonatadas sódicas (ex. Vidago e Pedras Salgadas); bicarbonatadas cálcicas (ex. Melgaço e Moura); bicarbonatadas mistas (ex. Carvalhelhos e Vimeiro).

Águas sulfúreas, encerrando enxofre orgânico, vivo, de efeito expectorante, anti-séptico e queratoplástico, comportam três grupos distintos, consoante o grau de oxidação enxofre nelas contido. As sulfúreas primitivas, também designadas sulfúreas sódicas, são de origem profunda (ex. S. Pedro do Sul, Vizela, Arejos e Caldas de Monchique). As sulfúreas secundárias, mais superficiais, revelam a presença de ácido sulfídrico (ex. Caldas da Rainha).

As sulfatadas, com predomínio do ião sulfatado, provêm de jazigos de gesso ou de um grau mais intenso de redução nos sulfuretos (ex. Curia e Monte Real).

Águas cloretadas, com um teor elevado de cloreto de sódio, estimulam a circulação e a actividade respiratória da pele (ex. Amieira e Estoril).

Águas francamente mineralizadas, com pequeno conteúdo de elementos raros, actuam mais pelo que tiram do que levam (ex. Caldelas, Luso, Monfortinho).

Águas radioactivas, biocatalizadoras, com acção sedativa e reconstituente.

Encontramo-las, com rádio de composição, em Cambres ou na Urgeira; com emanção do rádio (radon) aponta-se para exemplo Luso, Felgueira, Caldelas e Getês.

Águas ferruginosas — integrando-se no plasma, a promoverem a pigmentação dos glóbulos sanguíneos. (ex. Vale de Mó).

Águas arsenicais — de efeito hematopoiético (Caldas de Canaveses).

Águas nitradas — influem na secreção gástrica e possuem forte poder diurético (ex. Agua de Santa Marta (Ericeira) e Bela Vista (Setúbal)).

Águas aluminosas — adstringentes, modificam os estados inflamatórios das mucosas e da cutis. (ex. Foz da Serrã).

Havia ainda a referir as fontes fluoretadas e as boratadas, incluídas nas precedentes e, apesar de pàlidamente representadas, nem sequer nos faltam as nascentes sulfatadas

sódicas de natureza purgativa, como sejam as de Charnixe e Mouchão da Póvoa.

Eis, num apanhado fugidio, as diferenciações morfológicas fundamentais de um fluido que, estimulando o metabolismo, altera o estado geral com interesse medicamentoso certificado por uma experiência secular.

Perante uma tão completa gama de recursos, abrangendo múltiplos processos orgânicos não é sem razão que se consideram as termas o Supremo Tribunal de Medicina, tornando imperioso dever dignificar o domínio da Hidrologia.

Aflorado o panorama hidro-lógico geral, tratemos nomeadamente do Algarve onde o clima e o encanto da paisagem captam cada vez mais adeptos; e para guarda dos seus atractivos inconfundíveis, numa actividade coordenadora de desenvolvimento, preconiza-se ser regido de conjunto por uma Comissão Regional de Turismo.

Conquanto haja ainda que desbravar uma vasta extensão de terras do barrocal penetrando mais para o interior, urge fomentar projectos urbanísticos acomodados, ao cunho paisagístico da região, que o resto — oferecendo motivos de pitoresco — virá por acréscimo.

Se, no recorte do litoral, deixarmos os olhos para os nossos extensos e macios areais, contam-se ali esplendorosas estações mediterrâneas de água tépida, como sejam entre outras: Sagres, Lagos, Praia da Rocha, Armação de Pera, Albufeira e Monte Gordo que já se encontram razoavelmente apertadas, ou em via de planeamento.

Das estâncias mineromédicinas, ocupam posição cimeira as vicejantes Caldas de Monchique, cuja história dava para muito, as quais apresentam agora um mais animador aspecto construtivo, pois, em prossecução do que estava projectado, está a erguer-se o Hospital Termal e radica-se o desígnio de levar por diante o estabelecimento termal definitivo, correspondendo ao anseio de longa data.

Em Tavira, cidade maravilhosa do silêncio, na frase do nosso poeta impressionista Emiliano da Costa, é consolador saber o evolutivo entusiasmo da urbanização de «Horta d'El-Rei — empreendimento em curso — e onde se processam simultaneamente formalidades de remodelação do balneário da «Fonte da Atalaia», com vista ao renascimento de uma estância que dispôs em tempo de uma grande afluência.

Juntemos Cachopo, de tranquilidade bucólica, escolhido por quem pretende libertar-se de etiquetas sociais, com o seu manancial ferruginoso — no qual, pela acção desenvolvida, estamos confiados deva completar-se em breve o troço da estrada nacional estabelecendo ligação a Tavira.

No prosseguimento da enumeração, há que contar com a «Fonte Santa», no concelho de Loulé, onde recentes estudos geohidrológicos contituem prenúncio de alargar o âmbito dos seus expressivos dotes hidrominerais — com forte incidência no fomento do turismo.

O arrazoado destas generalidades surge à colação, como tarefa perfunctória, simplesmente por entender oportuno recordar, mais uma vez, os privilegiados requisitos do Algarve, com nascentes em vários padrões e factores telúricos, servindo a terapêutica numa feição de arejamento sedante tamizado de essências balsâmicas ozonizadas, que podemos considerar verdadeiros microaerossóis naturais.

De facto, alinhando na prática tradicional de aplicação crenoterápica, vamos encontrar as Caldas de Monchique que, na complexidade do seu mecanismo combina a acção sinérgica do enxofre com os bicarbonatos donde aglutinam emprego nas afecções respiratórias e nas doenças da nutrição, sendo mormente adaptadas às artrites reumatóides crónicas e degenerativas.

Depois, os caudais da Fonte da Atalaia, de Tavira, de composição cloretada sódica e bicarbonatada cálcica, utilizados nas dispépsias hiposténicas espasmódicas, com ou sem meteorismo, nas discinésias biliares e especialmente no reumatismo de natureza subaguda ou ligado a perturbações neuroendócrinas.

Com águas semelhantes às do tipo precedente, perto do aeroporto e junto à praia de Quarteira, procura-se, após a captação do manancial, seja aberta em breve prazo à industrialização da Fonte Santa, dotada de alojamentos condignos, Na praia de Olhos de Agua, entre Quarteira e Albufeira, revelou-se agora um filão termal dos de maior salinidade no nosso território.

Para remate, está prevista a exploração da nascente cloretada de Vale de Pereiros, em Ferragudo, que actua de modo idêntico à talassoterapia e a qual, debruando uma enseada do rio Arade, se apresenta também sob os melhores aúrios termal e turística.

Sem detalhar complexas estruturas recordemos que qualquer das referidas águas excita os fermentos digestivos, modificando a intimidade dos tecidos por transformações bioquímicas que capacitam a recuperação locomotora. A hidroterapia encontra nelas um complemento precioso da cirurgia ortopédica: útil nas deformações reumáticas, sequelas das poliomiélites, luxações, rigidez articular das fracturas e em todas as lesões traumáticas que requerem readaptação profissional.

De resto, possuímos ainda a balneoterapia pela água do mar, cuja calentura desencadeia conjugadamente tríplice efeito: antiflogístico, degraçamento de colesterol e eliminador de substâncias tóxicas.

E assim, na constelação das nossas praias matizadas por admirável orgia de luz, podemos colher eflúvio benéfico para a saúde.

No caso pertinente, como diriam os advogados, nesta imagem de sonho em esperança de tomar corpo, impõe-se à nossa consideração paramentar os dotes naturais com aúrios da época, no sentido de engrandecer a projecção social de tão reputadas possibilidades.

Intrigas e... intrigistas

A intriga é sempre um combate vil, desleal de pessoas desprezíveis, as quais não possuindo força nem coragem para enfrentar o antagonista, o anavalha cobardemente nas costas, escondendo-se, depois, na sombra, gargalhando sinistra e cínicamente da justiça dos homens — mas não pode nunca, gargalhar impunemente da Justiça de Deus!

As polémicas leais e construtivas são sempre úteis pois que, da discussão, muita vez, nasce a luz iluminadora dos cérebros inferiores (mas julgados por si mesmos superiores), inferiores porque menos prezam o saber, os conhecimentos das muitas pessoas, as quais, devido ao peso dos seus anos, receberam da vida, longa prática, e procuram evitar, assim, a repetição dos muitos erros — que eles vão apontando, de graça, aos novos, para que estes não os pratiquem, irreflectidamente, também vindo a sofrer os seus efeitos e fazendo da mesma forma, sofrer esses seus semelhantes.

Pretender, alguém, tornar-se superior em mentalidade e mestre dos velhos, é deveras ridículo e de mau gosto, porque os velhos, embora ignorantes, devem merecer, sempre e sempre, respeito profundo dos mais novos, não só pelos seus inúmeros conhecimentos, recebidos à força de muito viverem como, especialmente, por ser a velhice sinónimo de sabedoria.

O Algarve não tem caminhado como devia, porque os algarvios, na sua generalidade, desprezam o velho axioma: «a união faz a força»!

Cada qual grita por seu lado, pensando ser mais «sábio» e superior ao que lhe está próximo dos olhos, e o clume, o egoísmo e a vaidade, sufoca-lhes a voz, amortecendo-lhes as palavras, vibradas apenas no interesse próprio dos seus denegridos cálculos e nada mais!

Tão somente quando os algarvios se unirem todos na mesma fé, no firme desejo de verem o Algarve ressurgido na longa caminhada do progresso, em prol de todos os algarvios, sem distinção, do nosso querido Algarve e da Nação amada, então, só então, os algarvios podem considerar-se felizes e dar graças a Deus, pela vitória. Aliás, será tempo perdido e inútil todo o barulhar de vozes ridículas e mesquinhas, articuladas por tantas línguas de verdadeiros e venenosos himenópteros.

Manuel Geraldo

Rectificação

No artigo de fundo «In Memoriam» ao Dr. António Cabreira, escaparam à nossa revisão, além de outras, duas grialhas que nos apressamos a rectificar por adulterarem por completo o sentido das frases. Onde se lê «fundou uma extinta Escola Jaras» deve lêr-se «fundou na extinta Escola Jaras». Também onde se lê «inteiramente rectamos» deve lêr-se «intimamente rectamos».

AUTOMÓVEL

Peugeot 203, estado impecável, revisto, pintado e bem cuidado, vende-se, ocasião.

Trata José dos Reis, Rua General Trindade — F.A.R.O. tel. 909

Espariz - Central

Todas as estações da rede ferroviária vendem bilhetes e aceitam a despacho bagagens e mercadorias para Espariz-Central.

Por seu turno, em Espariz-Central vendem-se bilhetes e aceitam-se a despacho bagagens e mercadorias para qualquer estação de Caminho de Ferro, ou mesmo para qualquer localidade servida pela Camionagem combinada.

No seu próprio interesse, utilize este novo serviço combinado.

Depois duma colheita o solo fica mais pobre. Que fazer? Preparar convenientemente a terra, estrumar e adubar bem. Mas de que forma? Só uma análise da terra o poderá dizer. Os Serviços Agronómicos de

NITRATOS DE PORTUGAL

Rua dos Navegantes, 53 - 2.º - LISBOA

Únicos produtores de NITRATO DE CÁLCIO, NITRAPOR e NITROLUSAL farão a análise das suas terras sem lhe pedir qualquer pagamento. Peça que lhe sejam enviadas algumas embalagens para amostras de terra, onde encontrará as instruções de que precisa.

NADA mais pitoresco que uma comemoração, e poucas comemorações nos oferecem o espectacular da que nos cabe realizar, à entrada do inverno civil (quase diríamos a season) no histórico dia 1.º de Dezembro.

Que nela, na comemoração, repare, quem tiver espírito observador e nos diga se não temos jus.

Sobrevive, neste dia, por milagre de não se sabe que santo o clima dos antigos dias de grande gala.

Fardas, galões doirados, estandartes garridos, bandeiras desfraldadas, damas vestidas com aprumo, calvas luzenses, fatos domingueiros, galhardetes e flâmulas, se Deus quer, fanfarras e bandas, hinos e discursos, tambores, cerimónias litúrgicas, nada falta para dar brilho à solenidade.

No íntimo, não há nenhum importante senhor que se não sintam um D. Antão de Almada, um Pinto Ribeiro, quem sabe? até um Duque de Bragança. Os rapazes, envergarem o calção e blusa da M.P., a farda dos escuteiros ou o simples fato de cotio, todos eles se sentem igualmente vestidos de D. Jerónimo de Ataíde e D. Francisco Coutinho, «ouvindo ambos sua mãe». E as mães, as que não são mães até, misticamente ajoelhada, ante os oratórios de talha, imaginários, com o Senhor crucificado entre palmas de flores de cera, pedem a Deus as bençãos para duas espadas de aço, nuas e polidas, que de modo imaginário também se alongam na bordada toalha de linho, sobre a mesa de meia-lua. Todas são Ataídes e Vilhenas, Lencastres, abrindo aos filhos ainda imberbes o caminho do dever e da honra.

Duma ponta a outra de Portugal ressurgem os grandes heróis espantando os tudescos, ouvindo remexer papéis, deitando pela janela fora míseros Vasconcelos personificados em dois quarteirões de papelinhos brancos de que a aragem se compadece e leva em viagem aérea, como prémio de consolação.

Depois, de todos os pulsos caem algemas, tilintando na calçada, respira-se o ar vivo da liberdade, como se tivéssemos estado 60 dias na cadeia comarcã, e admira-se o sol ressurgindo entre nuvens frias e pardas.

— Liberdade! Liberdade! — clamam os tambores, pipilam os pássaros, uivam as bússulas, gritam os corações, por entre o tefe-tefe habitual.

Não passarinha pelas ruas, nem se encosta pelas esquinas melquetrefe que se não sinta Vesúvio de heroísmo, salvador da Pátria, oprimida de baixo das botas dum inimigo teórico, tão teórico, tão teatral e sincero, como este improvisado e efémero heroísmo dum dia.

Na manhã seguinte, cada um despiu a sua linda farda de herói e trata da vidinha com as suas complexas vantagens rotineiras, puxando a brasa à sua sardinha e deixando a sardinha da Pátria entre os carvões apagados da indiferença.

Herói em pequenas coisas? Oh! antes o «venha a nós».

E os irmãos de D. Jerónimo de Ataíde e de D. Francisco Coutinho, vivem nos míseros que, para lá dos mares, contêm em respeito os tudescos da pirataria vermelha a pretenderem arrebatar-nos as terras que nos pertencem.

As mães deles, essas não despem o traje de seda de D. Filipa ou D. Mariana. Envergando-o no dia a dia nobilitam-no, enfeitado de simplicidade e espírito de sacrifício.

CHUVAS

No trimestre Setembro-Outubro Novembro, registaram-se, segundo informação colhida na Estação Agrária de Tavira, 56,4 mm.

Um fenómeno

Um ovo de 10 cm. com 140 gr.

Nem só no Entroncamento há fenómenos. O nosso conterrâneo sr. Jacinto Pires Faleiro, morador em Mohammedia, que há tempo se dedica à avicultura, foi há pouco surpreendido com um caso raro. Uma galinha de cinco meses, o primeiro ovo que pôs, tinha 2 gemas e era maior que o ovo normal, quando chegou ao quarto ovo, o fenómeno surgiu. Trata-se de um ovo gigante, que media 10 centímetros de comprimento, 6 de diâmetro e pesava 140 gramas, tendo sido examinado pelo «Petit Marocain», em Casablanca. Os jornais franceses, conforme recorte em nosso poder, deram especial relevo ao assunto.

Chamamos para o facto a atenção dos nossos avicultores e desejamos àquele nosso conterrâneo e prezado assinante que no seu «La Selection Avicole-Lusitania» continue a obter das suas galinhas muitos ovos gigantes.

NECROLOGIA

João Rodrigues da Palma

Faleceu há dias subitamente na sua residência, no sítio da Catraia, freguesia de Cachopo, o sr. João Rodrigues da Palma, proprietário.

Deixa viúva a sr.ª D. Serafina Mestre e era pai da sr.ª D. Maria Serafina da Palma Cavaco, esposa do sr. José Diogo Cavaco, do sr. Manuel Rodrigues da Palma, esposo da sr.ª D. Maria José Brás da Palma, e avó das meninas Marília da Palma Cavaco, Regina Maria Brás da Palma e do menino Análdio José Brás da Palma.

A sua morte causou profundo pesar, pois o extinto era pessoa muito estimada. O seu funeral, que se realizou para o cemitério de Cachopo, foi dos mais concorridos dos últimos tempos.

D. Eliso Franco Gomes

No passado dia 20 do corrente, faleceu em Armação de Pera, a escritora sr.ª D. Eliso Franco Gomes, viúva do sr. Dr. Joaquim Henrique da Cruz Gomes. A extinta era mãe do sr. Coronel Joaquim dos Santos Gomes, presidente da Junta de Turismo daquela praça, e da sr.ª Dr.ª D. Maria Helena Santos Gomes de Albergaria Neto, casada com o sr. Dr. António Cabral de Albergaria Neto, e irmã das sr.ªs D. Laura e D. Maria Teresa dos Santos Raimundo e do sr. José dos Santos Raimundo.

A's famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

Rectificações

No último número do nosso jornal, por carência de informação saiu incompleta a notícia dada sobre o falecimento da sr.ª D. Camilla da Conceição Madeira, pelo que nos prontificamos a rectificar, pedindo desculpa do involuntário lapso.

A falecida era mãe dos srs. Carlos Baptista Madeira, Octávio Augusto Madeira e António da Piedade Madeira e das sr.ªs D. Vicência Augusta Madeira Viegas, D. Maria Júlia Madeira Gomes Ferreira e D. Maria José Madeira.

A pedido da família e porque veio mutilada a notícia publicada a propósito do falecimento da sr.ª D. Firmina das Dores Barqueira, rectificamos: era avó do sr. Armando Custódio Alves Leandro, tesoureiro da Fazenda Pública na Golegã, e do sr. José Júlio Alves Leandro, oficial da Direcção de Finanças de Faro.

ESTE SEMANÁRIO É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA



TOTOBOLA

13.ª jornada 6/12/964

Nome: «Povo Algarvio»

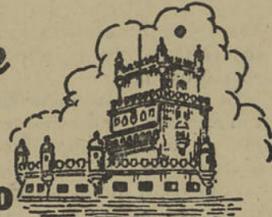
Morada: TAVIRA

1	Porto — Belenenses	1
2	Varzim — Braga	1
3	Seixal — Cuf	2
4	Guluarães — Leixões	1
5	Lusitano — Sporting	2
6	Vila Real — Famalicão	1
7	Betra Mar — Marinhos	1
8	Ferrense — Oliveirense	1
9	C. Piedade — Montijo	1
10	Sintrense — Portimon	1
11	Luso — Beja	1
12	Leões — Farense	1
13	Atlético — Almada	1

Jorge Cruz

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO



TURISMO... FONTE DE RIQUEZA!

Parece ter chegado finalmente o momento de considerar seriamente o problema do Turismo no Algarve. Ele, a partir de agora, não pode mais voltar a ser relegado para um plano secundário.

Temos que ter presente esta realidade: Grande número de Países (nomeadamente a vizinha Espanha), têm no Turismo uma das suas principais fontes de riqueza. Quase tão rendosa, hoje, como se os espanhóis possuíssem uma zona petrolífera!

Mas há necessidade de enquadrar o Turismo como uma indústria base. Temos que saber aproveitar também a riqueza maravilhosa do nosso clima, sem dúvida dos mais amenos que se conhecem. O encanto maravilhoso deste Sol deste Céu azul, que fez de Portugal o País da primavera eterna. A beleza das Praias algarvias, onde as águas têm transparências de safira e as areias lembram ouro em pó quando as deixamos escoar-se através dos nossos dedos, ao acariciá-las. A poesia que se evola de cada recanto, de cada caminho, de cada estrada da nossa Província quando, em Fevereiro, a natureza transforma a terra Algarvia num sepió de brancura imaculada, nas pétalas brancas das nossas amendoeiras floridas. O folclore e o tipicismo da nossa gente serrana e marítima na exuberância do seu corridinho ou baile mandado, ou na luta árdua da pesca, principalmente no Copejo do Atum, quadro de beleza impar, que só a natureza pode pintar na gradeado Mar Algarvio!

Nós, algarvios, temos que fazer, como faz por exemplo o México, quando explora as suas lindíssimas tradições e costumes. Ou como acontece com a Espanha que continua a valorizar as suas touradas, os seus bailados gitanos, o encantamento das suas cerimónias religiosas, sobretudo, por ocasião da Semana Santa.

Por isso se torna necessário ao falar de Turismo no Algarve, criar uma verdadeira mentalidade turística. Não temos que ter qualquer complexo perante as «Maravilhas» que há por esse Mundo de Deus, porque o Algarve também é fértil «nelas». Os homens — principalmente os que têm responsabilidades — é que durante longos anos fizeram por as ignorar, quase criminosamente! Portanto o quinhão dos Algarvios também é grande! A Natureza, na verdade, foi bem pródiga para nós! Brindou-nos com uma beleza paisagística que não receia confronto!

Mas temos necessidade de completar as benesses que a natureza nos proporcionou. Como? É necessário pensar que o complexo da Indústria Turística, tem um ponto de partida — O HOTEL. Sem bons Hotéis, não há, não pode haver Turismo. Hotéis de verdadeira categoria internacional para os endinheirados que conhecem o que há de melhor em Paris, em Londres e em Roma ou Tóquio. Mas também Hotéis e boas Pensões para os menos favorecidos pela fortuna, mas cujos níveis de vida ainda lhes permitem umas salutares férias no estrangeiro.

— Temos acompanhado com interesse as notícias vindas a lume no «Povo Algarvio» sobre o Hotel em construção na Horta d'El-Rei. Por essas notícias fácil é concluir que o futuro (?) Hotel da nossa terra, virá a ser um Hotel para os magnatas da Finança e da Indústria! Mas uma única unidade hoteleira daquela grandeza, por si só, resolverá o problema de Tavira? Queremos parecer que não.

Por isso pensamos que a Tavira interessa, também, não só na cidade, como principalmente na Ilha, em Santa Margarida, nas alturas a Norte da Ponte do Caminho de Ferro, em Miraflores e outros locais aprazíveis a construção de Hotéis, Pousadas, Cabanas-abrigos, etc.

Não há dúvida que sou o hora do Turismo no Algarve! É o toque de reunir, numa conjugação de esforços para dotar o Algarve de uma «Indústria» da mais alta rentabilidade.

Sim! Turismo é bom negócio, é um ótimo negócio para quem nele investe dinheiro, pelos lucros que proporciona. Para o Algarve e para Portugal significa, principalmente, uma fabulosa fonte de divisas.

Mas... cuidado! Não esprememos demais o limão!

Mas temos necessidade de completar as benesses que a natureza nos proporcionou. Como? É necessário pensar que o complexo da Indústria Turística, tem um ponto de partida — O HOTEL. Sem bons Hotéis, não há, não pode haver Turismo. Hotéis de verdadeira categoria internacional para os endinheirados que conhecem o que há de melhor em Paris, em Londres e em Roma ou Tóquio. Mas também Hotéis e boas Pensões para os menos favorecidos pela fortuna, mas cujos níveis de vida ainda lhes permitem umas salutares férias no estrangeiro.

— Temos acompanhado com interesse as notícias vindas a lume no «Povo Algarvio» sobre o Hotel em construção na Horta d'El-Rei. Por essas notícias fácil é concluir que o futuro (?) Hotel da nossa terra, virá a ser um Hotel para os magnatas da Finança e da Indústria! Mas uma única unidade hoteleira daquela grandeza, por si só, resolverá o problema de Tavira? Queremos parecer que não.

Por isso pensamos que a Tavira interessa, também, não só na cidade, como principalmente na Ilha, em Santa Margarida, nas alturas a Norte da Ponte do Caminho de Ferro, em Miraflores e outros locais aprazíveis a construção de Hotéis, Pousadas, Cabanas-abrigos, etc.

Não há dúvida que sou o hora do Turismo no Algarve! É o toque de reunir, numa conjugação de esforços para dotar o Algarve de uma «Indústria» da mais alta rentabilidade.

Sim! Turismo é bom negócio, é um ótimo negócio para quem nele investe dinheiro, pelos lucros que proporciona. Para o Algarve e para Portugal significa, principalmente, uma fabulosa fonte de divisas.

Mas... cuidado! Não esprememos demais o limão!

Novembro

(Em continuação)

Dona Eufrozina
A missa acabada
Para casa volta
Bastante irritada.

No templo não viu
Seu Miliçiano
Aluno da Escola
No decorrente ano.

De repelão tira
O véu que a mãe deu,
Fala — «Não estava
Como prometeu».

«Não vale chorar
Nem esmorecer,
Pois que muitos há
«Por onde escolher».

Y.

EMPRESA DE ESPECTÁCULOS TAVIRENSE

Teatro António Pinheiro

TAVIRA
S. A. R. L.

2.º Aviso Convocatório

Convoco os Senhores Accionistas a reunir no dia 10 de Dezembro ou em 27 do mesmo mês, pelas 15 horas, caso na primeira reunião não haja número necessário de accionistas, como determinam os estatutos, a fim de proceder à eleição dos novos corpos gerentes e ainda dar o seu parecer sobre o encerramento das contas respeitantes ao ano de 1964.

Tavira, 25 de Novembro de 1964

O Presidente da Assembleia Geral

Zacarias Guerreiro

N. R. — Por lapso, no aviso da 1.ª Convocatória não veio indicada a hora

Pausa de Angústia

Continuação da 1.ª página

muito mais, como elemento de apresentação da necessidade pública aos que têm por obrigação de prover os povos do que lhes é necessário, e transmissões das directrizes superiores aos que as devem cumprir.

Do que recebe, como incentivo de ordem moral, não falaremos hoje. Do que lhe é concedido, como amparo material, não podemos também referir, porque a idade adulta ainda não chegou para ela, pobre pupila acanhada e modesta para quem a Nação ainda não teve tempo de olhar.

Aliás há muito que, em momentos de desabafo, sussurra justíssimas queixas inúteis, e ninguém a escuta sequer.

O estado depauperado que se encontrava, não há muito sofreu o agravamento do aumento de salário tipográfico, a que teve de acudir e, nessa ocasião teve ensejo de apresentar argumentos que bem demonstraram como se debate numa crise financeira mais própria para a triturar entre dificuldades de maior que para lhe proporcionar melhoria de situação.

Como tão precários recursos de que usufruía ainda fossem demasiado preço para a missão que se propõe cumprir, e os encargos se avaliassem de somemos, surge o aumento da taxa de imposto de cobranças para lançar por terra aquele remanescente de entusiasmo de que ainda se emplumava.

De norte a sul do País uma ideia fermenta e cresce, e queira Deus ela seja profícua: pedir ao Governo uma isenção de imposto para as cobranças da Imprensa, por esta representar um organismo de alto interesse para a Nação e viver, no que diz respeito à Imprensa Regional, do carinho e entusiasmo dos devotos a quem a vida negou meios de se poderem concretizar em missões sociais a que a sua vocação os chamava.

Queremos crer que esta adversidade que de momento nos acomete, b'm pesadas as razões e circunstâncias que se impõem, não irá além dum injustificada preocupação, visto que, ponderadas com a justiça e o critério que são peculiares ao Governo da Nação, as nossas razões devem encontrar uma solução que dignifique o País, pela compreensão do alto valor social que a Imprensa representa na vida hodierna.

Apelamos, pois, para o Governo da Nação e para o Grémio da Imprensa Regional que não perderá a oportunidade de patentear de modo cabal os sérios motivos da sua razão de existir.

Grémio da Lavoura de Tavira

Trigo-Semente: Prevenimos os requisitantes de trigo para semente de que deverão efectuar o levantamento das quantidades atribuídas, até ao dia 15 de Dezembro, sem falta. As quantidades não levantadas neste prazo serão distribuídas livremente.

Batata-semente: Está aberta a inscrição para os lavradores interessados na compra de batata estrangeira, da variedade «Arran-Banner», mediante depósito de 100\$00 por conta de cada saco.

Espera-se que a batata chegue por todo o mês de Dezembro e as inscrições serão encerradas, uma vez atingida a quantidade a importar.

Quotas: Mais uma vez chamamos a atenção dos lavradores com quotas em dívida, para a conveniência de regularizarem a sua situação. Consideramos vantajoso para todos, a voluntária liquidação das quotas em atraso, evitando-se assim o recurso aos meios compulsórios que a Lei nos faculta.